



Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume I, edição VIII

Novembro—Dezembro de 2010

Nesta edição:

O Caminho para Deus por Paul Sédir 1

Sobre a Sincronicidade 9

O Ocultismo por Charles Barlet 14

Contos Espirituais 22

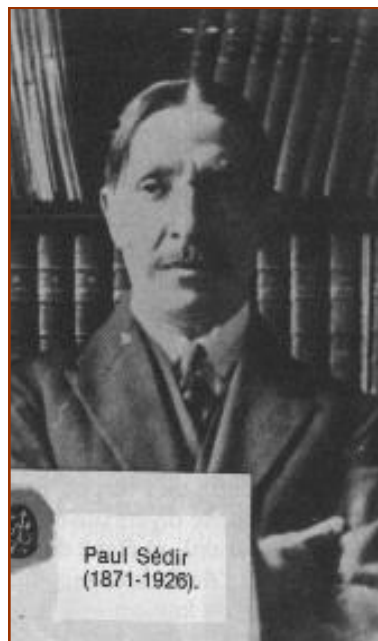
O Caminho para Deus por Paul Sédir

Seria necessário ver por trás de algumas idéias esboçadas para dar uma forma moderna, as imutáveis e místicas certezas, que a poeira da civilização deformou diante de nossos olhos, nos impedindo de compreendê-las.

Acredito que muitas opiniões diversas podem chegar a um consenso, com um pouco de tolerante imparcialidade. Se falar dos mundos invisíveis e das orações, que o racionalista não me tenha por supersticioso. Se admirar os dogmas e o culto do catolicismo, que o socialista ou o libertário não me tratem por clerical. Se afirmar a realidade do milagre, ou a grandiosidade da Virgem, que o protestante não feche este folheto.

Se der pouca importância prática à exegese, que o modernista não me dê de ombros. Se admitir que a pluralidade da existência seja possível, se disser que espero que toda criatura seja salva, se lamentar a proliferação das pequenas devoções matinais, que o católico não se escandalize.

Santo Irineu, São Francisco de Sales e o Cura D'Arns tiveram a mesma opinião sobre esses pontos. Se declarar que Jesus de Nazaré é o único Filho de Deus, vindo na carne e ressuscitado corporalmente, que os neo-espiritualistas e os ocultistas não protestem.



Todo mundo, hoje em dia, fala de uma renovação religiosa. Nasce pelo temor da morte, mantida por um utilitarismo egoísta, dirigida pela ambição, ela não é real a não ser para alguns poucos entre nós. Não é do Cura D'Arns, esta terrível exclamação: "Oh! O sacerdote é algo tão grande! Se o compreendesse, morreria!"?

Nunca tão grande número de orações litúrgicas foi recitado, nunca tão grande número de fiéis recebeu a comunhão todos os dias. Nunca as medalhas, as indulgências, as fórmulas piedosas foram repartidas com tanta prodigalidade. E, no entanto, jamais os devotos foram mais mur-

muradores, os ambiciosos mais rapaces, os luxuriosos mais desavergonhados.

Ousarão dizer que é Jesus quem não mantém suas promessas? A uma dúzia de pobres homens, desgastados e simples, Jesus deu poderes tão formidáveis que o orgulho jamais poderia sonhar: curar os corpos, curar as almas. Com qual medicamento? Quase nada, apenas uma única onda imperceptível de compaixão. Mas, esses homens eram seus discípulos, já não desejavam nenhuma beleza do mundo, nenhuma das formas da imensa Natureza, nem de tudo o que existe. Não desejavam nada além do que é. Depois, seus próprios discípulos, e os discípulos desses discípulos persistiram nessa abnegação e o Espírito permaneceu com eles e os milagres continuaram brotando sob suas mãos veneráveis. Mas, e depois, o que aconteceu? Por que as palavras do Mestre não curam mais os enfermos, não iluminam mais os corações manchados?

Deverei ir, então, até a filosofia, até a ciência, para substituir o inefável Verbo, ao qual a Terra pôde agarrar-se há dois mil anos? Esperai, esperai, me dizem os príncipes da inteligência, não terminamos nossa investigação, nos faltam alguns milhões de fatos. Esperar? Mas minha alma morre de incerteza, cansaço e anemia!

Certamente, a Escola e a Igreja são grandes e valiosas educadoras, mas não proporcionam a todos essa paz profunda que é a marca da Verdade. Ao longo dos caminhos, encontra-se inquietude e desilusão, pois esses caminhos não são diretos.

Só Jesus indica o caminho direto. Os que o tomaram por guia, depois de tentar outros caminhos, o afirmam.

Ele disse – vós que não acreditais, escutai isto – Ele ousa dizer: “Vinde a mim, todos os que sofrem e estão confusos!”. Por que, então, vais a outros antes de tentar chegar a Ele?

Reflitamos um pouco a respeito, antes de tentar resolver questões mais complexas.

Para guiar-se, o homem se serve de sua consciência e de sua razão. Se for honesto em sua moral, busca reduzir os esforços dedicados a seus interesses e instintos valendo-se, para isso, das luzes científicas, filosóficas e religiosas. Digo: se for honesto, já que para um homem desonesto, os duros choques enviados pelo Destino, são os únicos métodos que podem abrandar seu egoísmo, transformando-o pouco a pouco.

As pessoas de bem, os que se preocupam com outras coisas além de sua conta bancária ou seu cargo; os que pensam, às vezes, em outras crianças mais do que nas suas próprias crianças; que sentem, ainda que raramente, ainda que superficialmente, o peso do sofrimento geral: é a esses que me dirijo, recordando-lhes a força imensa das convicções compartilhadas, das energias somadas e dos impulsos sinceros em direção a um mesmo ideal.

Uma consciência totalmente pura perceberá em si mesma o Caminho, a Verdade e a Realidade. Mas, não há consciência sem mancha sobre a Terra e é por isso que buscamos respostas nos fatos, nos livros e nos homens.

No entanto, a ciência, enquanto usada para comprovação dos fatos, não pode proporcionar-nos outra regra de vida que não seja a lei do mais forte.

A Filosofia, enquanto coleção de ideias, não vai além da moral humana e do bem criado pela razão. Epíteto e Marco Aurélio diziam que essa moral gera o orgulho, um orgulho muito elevado, mas muito pernicioso, porque convida a isolar-se das massas.

A religião permanecerá sempre separada da ciência e da filosofia, porque sua raiz está em outra parte, muito além dos fatos ou da inteligência. Alguém até pode construir uma filosofia científica, ou uma religião filosófica, mas isso é construir sobre a areia: as conclusões da ciência não mudam a cada vinte anos? E, se a filosofia, em si, responde a uma necessidade da inteligência e afirma à realidade do pensamento, os sistemas filosóficos não se refutam uns aos outros? Nesse caos de aproximações e sínteses provisórias, uma alma forte, uma alma simples, uma alma apaixonada pelo Absoluto encontrará a decepção do vazio metafísico.

Tais almas carregam, em segredo, a certeza de sua imortalidade, a certeza de Deus, a certeza de um futuro de felicidade e liberdade. Negam-se a se perder no indefinido do conhecimento humano e rechaçam, igualmente, todas as pequenas idolatrias, todos os pequenos oportunismos, parasitas tenazes que esgotariam o Cristianismo, se Jesus não fosse o chefe do Cristianismo.

Não admitem o protestantismo demasiadamente racionalista, desses pastores que não acreditam mais na intervenção divina. O que vale uma religião sem o sobrenatural, numa civilização que recuou tanto o limite do natural possível?

Quanto aos espiritualistas leigos, como Tolstoi, quanto às seitas mais ou menos misteriosas, filhas do Oriente, plenas de artifícios, os “simples” de quem falo, não perceberiam ali mais do que argumentações hábeis, certas, mas frágeis e perigosas.



Os teólogos afirmam que Deus é demonstrável. Sem dúvida. Mas o que é uma fé baseada somente na razão? Se alguém procura motivos para viver, forças contra a dor, meios para fazer de si mesmo uma obra-prima, é necessário uma visão de Deus direta, pessoal, surgida de nossas entranhas. É necessário que Deus nos fale ao coração.

Mas, há dois corações em nosso coração, dois corações e um pensamento. Um coração de trevas, de matéria e de egoísmo: nosso Ego. E um coração de Luz, de espírito e de caridade: nossa Alma. O pensamento não é nada mais do que um espelho, que reflete os atos do coração preponderante.

Nesse santuário íntimo, nesse coração duplo que trabalha sobre tudo aquilo que está além de nossa consciência, se elaboram nossas visões do mundo, nossos motivos para agir, e as metas reais de nossas fadigas, das quais nossos fins aparentes não são mais do que fagulhas dispersas.

Nesse santuário Deus nos fala. Nesse santuário nossa inteligência se organiza. Desse santuário surgem às energias pelas quais levamos a cabo o impossível, nos elevamos por nós mesmos, vencemos a morte – não importa que tipo de morte – com uma vitória brilhante, no exato momento em que ela parece dominar-nos.

O caráter essencial do ser humano não é a faculdade de conhecer, mas a faculdade de amar. O amor age no fundo de nós mesmos, antes da inteligência. Para compreender alguma coisa conscientemente, antes é necessá-

rio amá-la inconscientemente. O alquimista não descobre nada em suas retortas, se não tem em si a vocação para a alquimia. E o ignorante pode, por suas intuições, ultrapassar o sábio, se admirar e se amar as criaturas com um fervor muito intenso.

Pascal descreveu vigorosamente esta faculdade mística do amor, que se ignora em si mesmo e que não chega a ser consciente, antes de ter atravessado o prisma mental.

Tudo é amor no universo. Tudo procede do amor e tudo retorna ao amor, depois de inumeráveis vicissitudes entre os reinos do ódio. A luta pela vida é a escola do amor essencial. Os seres passam de uma beatitude prévia ignorante a uma beatitude posterior definitiva, consciente e onisciente, por meio de trabalhos múltiplos, cujo conjunto constitui a vida universal e as existências particulares.

Isso tem lugar sobre este pequeno globo terrestre, e também – por que não? – sobre os milhões de planetas que os astrônomos ainda não puderam catalogar nas cartas celestes.

Aos positivistas direi que a alma é imortal, que nossos mortos estão vivos e muito perto de nós. Já que há outros espaços no universo, além do espaço terrestre, e outros modos de agregação das moléculas materiais, que aqueles da nossa física.

Direi que Deus existe como entidade individual, que Ele se preocupa não só com a direção geral dos mundos, mas também com a direção particular de cada um. Que Ele pode intervir em nossas pequenas desditas, que o milagre existe e, que se Renan declara o contrário, é porque não quis pôr-se nas condições apropriadas para observar esse fenômeno.

Direi aos católicos que Deus não se irrita nunca, não castiga nunca, não condena nunca definitivamente. Quando os homens se obstinam no mal, Ele abandona as coisas e são os choques da rejeição que nós chamamos, falsamente, de cólera divina.

Direi aos católicos que há, com efeito, na criação, um inferno e um paraíso, como há um nadir e um zênite. Um e outro são perpétuos, os seres passam de um a outro, segundo seus trabalhos e suas necessidades, mas não permanecem nunca perpetuamente. Em todas as partes onde se trabalha, onde se sofre, isso é uma forma do inferno. Em todas as partes onde se repousa, isso é uma forma do paraíso.

Direi que esse catolicismo é o mais belo, o mais elevado, a mais completa das religiões, que os conduz, certamente ao Deus que adoram, o único verdadeiro Deus e o mais traído de todos os deuses. Pedirei que releiam a Paixão de Nosso Senhor Jesus, do Jesus de toda a humanidade, que olhem onde se encontram, hoje em, dia Pôncio Pilatos e Caifás, e que quando tenham visto, se voltem para o Cristo, sempre crucificado, com uma fé mais ardente e uma devoção total.

Direi aos racionalistas da Igreja protestante, aos espiritualistas de qualquer escola, que esse Jesus é mais do que um homem, e – mais do que um deus -, que Ele se manifesta sem tomar nenhum intermediário a quem quer ir até Ele pelo cumprimento de seus preceitos. Que sua ciência nunca será mais que um fragmento, que o sobrenatural existe, muito além de tudo o que fica desconhecido no natural.

E a todos digo essas coisas, simplesmente para que as escutem, ao menos uma vez. Já que sei que toda atividade é útil, e que todo homem segue a via que é capaz de seguir, no momento. Todas as vias conduzem à estreita via do Evangelho, onde caminha o Amor.

Nossos trabalhos, nossas fadigas, nossas paixões, nossos desejos, nossos ódios, nossas indiferenças são as escolas do amor. Devemos ensinar o amor: a nós mesmos, em primeiro lugar, a tudo aquilo que cremos ser nós mesmos, a todos os seres à nossa volta, abaixo e acima de nós. É a única finalidade da vida, é a única razão da criação.

Mas, essa atitude mística deve surgir espontaneamente do mais profundo de nós mesmos. Os livros dos sábios, os exemplos dos santos só a fazem manifestar-se se já tivermos trabalhado profundamente o solo de nosso espírito. É uma iniciação, uma regeneração, um novo nascimento, anúncio desse terceiro e definitivo nascimento, pelo qual podemos chegar a ser uma criança de Deus e possuímos o Céu, incluindo o fundo do Inferno, isto é, o fundo da dor.

No entanto, todo nascimento supõe uma morte. Nosso ser, estando composto de muitas outras coisas além de um corpo de matéria, pode sofrer muitas outras mortes além da morte física. Mas essas mortes não são mais do que dores transformadoras e, toda angústia atrai uma alegria e um progresso.

Uma mudança intelectual, uma crise sentimental, uma nova visão, isso quer dizer a morte de alguma coisa no psiquismo e o nascimento de alguma outra coisa, até então adormecida.

Todo desejo satisfeito conduz a uma desilusão. Se o homem quer entrar no desígnio de Deus, empreenderá os trabalhos da vida por eles mesmos, para engrandecer esta vida. Mas não somos capazes de tal abnegação ao dever; só queremos aceitar aborrecimentos para obter algum benefício pessoal. Então, a Natureza nos trata como crianças, nos mostra o incentivo dos gozos: o amor, aos apaixonados; a riqueza, aos invejosos; a glória,

aos ambiciosos; a ciência, aos inteligentes; o sossego dos pequenos ganhos, aos medíocres. E, para conquistar esses espelanismos, todas as fadigas nos parecem doces. Mas, na hora da morte, apesar de nosso egoísmo, sem dúvida teremos sido úteis.

Pouco a pouco, aprendemos a trabalhar, não mais para nós mesmos, mas para o bem geral.

Assim, o sofrimento é verdadeiramente um benefício. A alegria de viver também é um benefício. Essas duas irmãs vêm, sucessivamente, visitar nosso espírito. Mudam somente de vestes até que percebamos, por trás delas, sua mãe sempre jovem: a Vida. E nosso ser total se desenvolve em todos os sentidos, como uma árvore robusta que resiste aos outros e que, por suas raízes profundas como por seus galhos estendidos ao sol, extrai da terra e do céu o duplo alimento de seu crescimento secular.

As fadigas e as penas e seus pais, os desejos, não são mais do que incitação para um esforço definitivo, os brotos de um desejo primordial, perpétuo e permanente. É necessário conhecer e proclamar: todo ser humano carrega em seu coração a paixão de Deus; todo ser humano deve compreender o sofrimento universal. Todo ser humano só realiza um único trabalho: a conquista do Absoluto.

Nós, os místicos, devemos falar de Deus a todo mundo, nunca devemos forçar a ninguém e devemos consagrar-nos, sobretudo, à obra fraternal.

Todo mundo é chamado a transformar-se num místico, e não é Deus que demora em fazer este chamado, somos nós que nos fazemos surdos, voluntariamente.

Deus, certamente, poderia arrancar nossas mãos de nossos ouvidos, mas Ele não quer

de nós nada mais do que um serviço livremente consentido. Ele espera. Tem a eternidade para esperar, se for necessário. Nossos despropósitos, cada vez mais graves, terminam fatalmente por atrair uma reação bastante severa para perturbar-nos. Na história da alma mais criminosa, uma desdita sempre surge repentinamente, de modo muito doloroso arrasador, para devastar tudo, para empurrá-lo para o vazio primitivo, para esmagar tudo o que era seu orgulho e sua força.

Mas, por detrás dessas ruínas, o real aparece. E o Real, sabemos por experiência, é um ser, é Jesus, em nome de quem se têm semeado tantas mentiras. Sabemos que Ele é o único verídico, o único indulgente, o único perfeito, imutavelmente nosso amigo.

Essa visão se denomina, na linguagem religiosa, arrependimento. E a qualidade do trabalho que lhe segue, se chama renúncia.

Os livros dos sábios estão plenos de sentenças sobre a renúncia. Mas existe a renúncia ao orgulho desdenhoso e existe a humilde renúncia do amor, que balbucia com lágrimas e que se prostra.

Descobre-se, então, ter um coração ignorado, que queria tanto ter permanecido puro, acusa-se e depois se abandona, com coragem, ao Destino justiceiro. A partir de então, a vida não será mais que expiação. Desde os simples trabalhos de seu corpo, até os mais valorosos esforços de seu espírito, ele converterá todas as fadigas num sacrifício perpétuo. Tal é, em nós, o nascimento do Divino. O valor de nossas obras será aumentado até o infinito, posto que, por essa vontade constante de alcançar Deus, o discípulo entra, com efeito, em contato com Ele.

Esse magnífico esforço se adapta a todas as mentalidades, a todas as posições sociais, a todos os tipos de energias. Só exige um co-

ração ardente e uma intenção pura. Assim, de fato, todo homem avança até seu Ideal, uma vez que Deus é, entre outras coisas e em primeiro lugar, a totalidade dos ideais do gênero humano.

Toda criatura se alimenta do que a Natureza lhe oferece de análogo a ela. O corpo físico se nutre de alimentos materiais; a inteligência se alimenta de idéias; a alma, centelha do Verbo, não pode alimentar-se com nada mais além do Verbo.

O Verbo, é a potência divina descendo nas criaturas e dando-se a elas. É o sacrifício inominável e perfeito. O sacrifício será, então, também o alimento de nossa alma. Cada vez que nos privamos de alguma coisa em benefício de outro ser, nossa alma crescerá. Aceitar, buscar o último lugar, o menosprezo, a dificuldade, a pobreza, tudo aquilo que os homens temem e fogem, é o alimento espiritual do discípulo de Jesus. O sacrifício é sua vida, o amor é a chama. Dá sem cessar: seu dinheiro, seu tempo, sua ciência, sua habilidade, seu afeto. Oferece tudo isso a qualquer um que lhe peça. A sensação da presença divina que o beatifica, ele a daria, para aliviar não importa a qual de seus irmãos.

Pouco a pouco, seu espírito penetra num mundo de glória onde tudo respira paz, alegria e harmonia. Pouco a pouco, o Mestre do mundo torna-se para ele um amigo, ao invés de um Senhor. Pouco a pouco, a vida fala diretamente à sua consciência, esta vida que nem o sábio, nem o filósofo podem alcançar. Pouco a pouco, as forças divinas descem, o milagre torna-se possível, o mistério se despoja de seus véus.

Encontra-se, com efeito, com homens a quem nada os distingue da multidão. Eles têm um ofício, uma família, como todo mundo. No entanto, quando se entra em sua intimidade, os vê realizarem coisas extraordinárias,

os ouve dizerem verdades profundas. Mas, artífices de milagres ou videntes, oferecem essa particularidade assombrosa, que não parecem ver como privilégio. E esse desapego é o sinal de que eles pertencem a Deus, que estão imersos na Verdade.

O discípulo verdadeiro do Cristo não é nem um solitário, nem um contemplativo. É ativo e deve mostrar-se empreendedor como o mais valente. Igualmente impassível no êxito ou no fracasso, aberto a tudo, interessando-se por tudo, mas voltando tudo na direção de Deus. A maneira como vive, sua educação, suas atitudes e seu meio o determinam, como ao resto. Porque é a qualidade desta existência que ele transmuta, por seu zelo e por seu amor, envolvendo num constante abraço toda a Natureza e todo o Céu.

Para cumprir tal missão, é necessário que o discípulo se esqueça de si mesmo e que esqueça que se está esquecendo. É necessário, todos os dias, que ele saia de si e vá até seus irmãos. É necessário que, à noite, ele torne a entrar em si, para reencontrar Deus e escutar Jesus.



Onde encontrará tanta força?

No amor, alimento do sacrifício. Caridade, humildade, orações: eis aqui a divisa da verdadeira mística. Ali se ocultam todos os segredos e todos os dons. Todos os outros métodos de cultura espiritual são fictícios, já que a verdade é a vida e a vida, é o amor. Esses servidores de Deus, esses soldados de Cristo, esses lavradores do Espírito são os únicos homens que, nesta terra, podem abraçar Seu ideal.

Recordem as emoções mais fantásticas, as sensações mais grandiosas, as concepções mais vastas que puderam experimentar ou imaginar. Tudo isso não é mais do que algo insípido, banal, e mesquinho, frente ao êxtase e às iluminações que um só olhar do Cristo dispensa a seus amigos. Conciliem o imenso e o infinitesimal, reúnam em suas almas o sabor da onipotência e do amor total! Pode ser que assim obtenham uma imagem da atmosfera que respira o discípulo.

Assim, pode-se conceber porque alguns homens parecem imutáveis nas situações mais diversas. Porque não se surpreendem de nada, até parecendo insensíveis, em tudo buscam moderar qualquer pena, inclusive, para suavizar o sofrimento de uma planta. Porque, enfim, um simples olhar, recebido deles ao passar, causa comoção até no subsolo.

Estes aficionados do impossível, consagrando-se a Jesus, assumem os mártires, sempre voltando a fazer aquilo que o mundo reserva aos apóstolos do divino. São enigmáticos e inspiram confiança.

Observam as coisas sob um ângulo desconhecido e sua visão não lhes mostra mais do que razões para serem indulgentes e piedosos. Os outros são de pedra, eles são de fogo. Consomem-se e incendiam ao redor de si. Eles calam muito, mas sua palavra é operante. Ocultam-se para fazer o bem mas, tendo ainda nos olhos a magnificência da eternidade, dão a cada minuto, a cada ser que passa, seu verdadeiro valor: um valor infinito.

Tal é o estado do verdadeiro discípulo, tal é o caminho direto para Deus. Eis aqui o método mais frutífero para ajudar nossos irmãos.

É possível, nas piores desditas, guardar a paz. É possível que algumas palavras ditas por nós voltem a dar a coragem ao vencido. É possível que a nossa demanda ao Céu distribua a saúde, desvie o acidente, abrande um coração endurecido. É possível que o Além desvele seus mistérios.

Se o desejar, o Cristo o levará com Ele, consumido nas fadigas da caridade, ressuscitará sem cessar pelas chamadas da oração. Estará no Céu vivendo sobre a Terra, e espargirá ao seu redor a atmosfera do Céu.

Mas é necessário querer, vocês mesmos. Ninguém pode fazer o trabalho em seu lugar. Ninguém pode dar-lhes a água das fontes eternas, salvo o Cristo em pessoa.

Essa água chega a nosso coração pela consciência e a nosso intelecto pelo Evangelho.

Uma paciente e firme disciplina moral aclara a primeira e, na medida desta purificação, a leitura do Evangelho nutre nossa mente. O Evangelho contém tudo: toda ciência, divina ou humana, secreta ou patente, especulativa ou prática. Os segredos dos astros ali estão escritos, como os da alma humana, os do microbioso e os da engenharia, os da arte como os da matemática.

O homem não precisa de outro homem para matar a sede nessas fontes, já que ninguém está tão próximo de Deus do que ele mesmo. Não há necessidade de intermediários, não há necessidade de outro rito além do simples e confiante pedido, de outro culto

além da caridade, de outra disciplina além do amor fraternal.

Todas essas coisas são experimentáveis, são certas. O dever dos que as constatarem é convidar seus irmãos às mesmas experiências. Todos os homens são convidados ao mesmo banquete. Para que se realize, na mais ampla medida, esta ordem divina que é um desejo e ao mesmo tempo uma oração: “Como Eu vos amei, vós também amai-vos uns aos outros”.

Referências

Tradução de “Le chemin vers Dieu”, do livro “LES AMITIES SPIRITUELLES”, publicado por Paul Sédir, explicando a natureza de seu grupo. Yvon Le Loup, conhecido por seu pseudônimo de Paul Sédir, nasceu em 2 de Janeiro de 1871 e faleceu em 3 de Fevereiro de 1926. Na França dirigiu a Loja Martinista “HERMANUBIS” dedicada à tradição oriental. Foi discípulo do Mestre Philippe de Lyon.

Foi membro do Conselho Supremo da Ordem Kabbalística de la Rose+Croix (fundada em 1.888 por Stanislas de Guaita) e membro do Primeiro Conselho Supremo da Ordem Martinista (fundada em 1.891 por Papus). Também foi membro da H.B.L. (Irmandade Hermética de Luxor) e da F.T.L. Deu cursos na Faculdade de Ciências Herméticas e no Grupo Independente de Estudos Esotéricos de Papus.

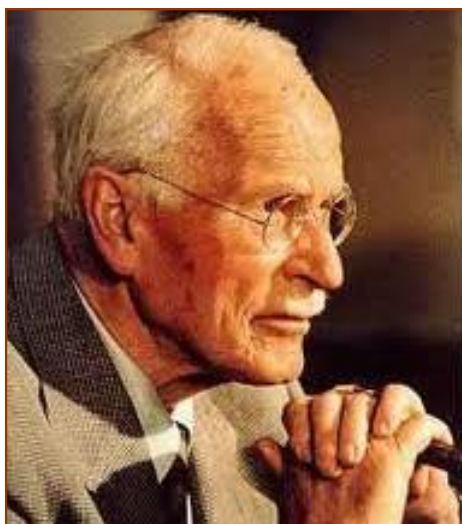
No entanto, em janeiro de 1909 abandonou as ordens esotéricas e se dedicou somente ao Cristianismo, criando a Sociedade “Os Amigos Espirituais”. Publicou: “O faquirismo hindu e os yogues” (1906); “Iniciações” (1908); “A energia ascética” (1923). Postumamente foram publicados: “Mística Cristã” (1927); “História e doutrina da Rosa+Cruz” (1932); “As curas efetuadas pelo Cristo” (1948); “Os Rosa+Cruz” (1953).

Sobre a Sincronicidade

Em 1950 Carl Gustav Jung publica um ensaio chamado "*Sincronicidade: Um Princípio de Conexões Acausais*".

Neste ensaio Jung evoca dois filósofos, a saber, Schopenhauer e Leibniz. O primeiro vale-se do conceito da "*prima causa*" para explicar a "*relação de simultaneidade*" significativa, de cuja expressão Jung cunha o termo sincronicidade. De Leibniz é a idéia de "*harmonia preestabelecida*", assim comentada por Jung:

"Para este último (Leibniz), Deus é o criador da ordem. Assim ele compara a alma e o corpo a dois relógios sincronizados e emprega esta mesma imagem para exprimir as relações das mônadas ou enteléquias entre si. Embora as mônadas não possam influir diretamente umas nas outras (abolição relativa da causalidade), porque não têm 'pequenas janelas', contudo são constituídas de tal maneira, que sempre estão de acordo, sem terem conhecimento umas das outras. Ele (Leibniz) concebe cada mônada como um 'pequeno mundo', como um 'espelho indivisível ativo'. Não somente o homem, portanto, é um microcosmo que encerra a totalidade em si, como também - guardadas as devidas proporções - qualquer enteléquia ou mônada. Qualquer 'substância simples' tem conexões 'que expressam todas as outras'. 'Por isto, ela é um espelho vivo e eterno do universo'. Ele (Leibniz) chama as mônadas de 'almas de organismos vivos'. A alma obedece às suas próprias leis e o corpo também às suas; eles se ajustam entre si graças à harmonia preestabelecida entre todas as substâncias, porque todas elas são representações de um só e mesmo universo".



Essas idéias coincidem com as dos primeiros românticos para os quais o mundo constituía-se num livro a ser lido, pleno de coincidências significativas, uma grande unidade. Para Goethe, citado por Jung: "Todos nós temos certas forças elétricas e magnéticas dentro de nós e exercemos um poder de atração e repulsão, dependendo do contato que tivermos com algo afim ou dessemelhante". A ligação causal encontra-se no registro da consciência. Já a ligação acausal encontra-se no registro do inconsciente, sem tempo e espaço. Ainda com relação ao termo sincronicidade Jung assim se refere: "Escolhi este termo, porque a aparição simultânea de dois acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal, me pareceu um critério decisivo. Emprego, pois, aqui, o conceito geral de sincronicidade, no sentido especial de coincidência, no tempo de dois ou vários eventos, sem relação causal, mas com o mesmo conteúdo significativo".

Conteúdo significativo é a forma de expressar os eventos afins, que separados pela cronologia, só podem se encontrar na paralisação do tempo, na simultaneidade. "Em tais circunstâncias parece que o fator tempo foi eliminado por uma função psíquica, ou melhor, por uma disposição psíquica que é capaz de eliminar também o fator espaço". Essa função psíquica é o inconsciente. Nele o eu, o sujeito, está ausente. Mas nele encontra-se uma forma de inteligência, cujo conhecimento se postula, como diz Jung, como "*Precognição de alguma espécie*". "Não é, certamente, um conhecimento que possa estar ligado ao eu, e, portanto, não é um conhecimento consciente como o conhecemos, mas

um conhecimento inconsciente subsistente em si mesmo, e que eu preferiria chamar de conhecimento absoluto. Não é uma cognição do sentido próprio, mas, como disse Leibniz, uma percepção que consiste - ou, mais cautelosamente, parece consistir - em simulacra (imagens) desprovidas de sujeito".

Comentando a linguagem conceitual, Jung assinala a dificuldade que temos, por estarmos nela imersos, de encontrar uma linguagem que expresse e não comunique conteúdos. Quando não entendemos a linguagem do sonho, interpretamos seu significado.

Só é possível falar em sincronicidade fora da linguagem conceitual, no medium acausal da linguagem do nome. Quanto a isso ele assim se refere: "É difícil despojar a linguagem conceitual de seu colorido causalista. Assim, a expressão 'estar na base de', apesar de suas conotações causalistas, não se refere a nada de causal, mas a uma *qualidade existente* que *expressa simplesmente aquilo que ela é, e não outra coisa*, ou seja, uma contingência irreduzível em si mesma. A coincidência significativa ou equivalência de um estado psíquico que não tem nenhuma relação causal recíproca significa, em termos gerais, que é uma modalidade sem causa, uma organização acausal". Esta organização acausal é o que Benjamin chama de configuração, ou a "idéia como configuração": "As idéias são constelações intemporais, e na medida em que os elementos são apreendidos como pontos nessas constelações, os fenômenos são ao mesmo tempo divididos e salvos". E é nessa configuração dos fenômenos que se pode nomear a idéia. Essa nomeação caracteriza o fenômeno de origem, fundação. Referindo-se à obra de arte, Benjamin assim caracteriza esse momento: "Uma obra de arte significativa ou funda o gênero ou o transcende, e numa obra de arte perfeita as duas coisas se fundem numa só".

A sincronicidade, configuração simultânea e instantânea, significativa e acausal, é o fenô-

meno próprio da origem. Na terminologia dos primeiros românticos alemães a conexão, fenômeno sincrônico, é chamada de Witz. Seligman-Silva assim define o Witz em uma nota de sua tradução do livro de Benjamin chamado *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*: "Witz indica não apenas espíritosidade, perspicácia (Scharfsinn em alemão), como também capacidade combinatória (L.N. 89 e 920, A 37, K.A. XVIII, p. 125: 'Witz, ars combinatória, crítica, arte de encontrar, tudo uma mesma coisa'), ou, como afirma Benjamin, síntese (química, no A 366, opondo-se à cadeia de analogias mecânicas do entendimento...)". Benjamin comentando o Witz refere-se a ele como "um contexto medial contínuo, de um medium-de-reflexão dos conceitos. No Witz este medium conceitual aparece, como termo místico, como um relâmpago".

Para alguns filósofos: "A tarefa da filosofia é a de constituir uma linguagem verdadeiramente filosófica, uma arte combinatória de palavras". Essa "arte combinatória" é o Witz. Ainda segundo ela, "o Witz põe em cena a afinidade secreta entre as palavras filosóficas". E citando Schelegel: "Freqüentemente as palavras se compreendem melhor a si mesmas do que aqueles que as usam". "Muitos achados do Witz são como reencontros, depois de longa separação de dois pensamentos amigos". Esse "reencontro depois de longa separação" é a base do conceito de conexão, caro a Benjamin e a Jung, e que pressupõe fragmento, sincronicidade, afinidade e configuração. Essa configuração é o que Leibniz, citado por Jung, chamou de, acima citado: "simulacra (imagens) desprovidas de sujeito".

A Sincronicidade se refere a questões relativas a duas formas diversas do pensar. De um lado, podemos observar o pensamento causal, e do outro, o causal ou sincrônico. Esse é um fenômeno onde um evento do mundo exterior, físico, coincide significativamente com um estado mental psicológico. Ela consiste de dois fatores: uma imagem inconscien-

te vem a consciência diretamente (isto é, literalmente) ou indiretamente (simbolizada ou sugerida), sob forma de um sonho, idéia ou premonição. Uma situação objetiva coincide com esse conteúdo. Essas experiências de sincronicidade foram associadas por Jung, à relatividade do espaço e do tempo, bem como a certo grau de inconsciência e ele cita em seu livro "A Natureza da Psique": "Os aspectos realmente diferentes e confusos desses fenômenos, até onde posso perceber. No presente são perfeitamente explicáveis com a suposição de um continuum espaço – tempo, psiquicamente relativo. Tão logo um conteúdo psíquico cruze o limiar da consciência, o fenômeno marginal sincronístico desaparece, tempo e espaço reassumem seu poder habitual, e a consciência uma vez mais se isola em sua subjetividade... Reciprocamente, os fenômenos sincronísticos podem ser evocados, colocando-se o sujeito em um estado inconsciente".

Ele definiu-a como um princípio de Conexão Acausal, uma conexão misteriosa entre a psique do indivíduo e o mundo físico, material que se baseia no fato de que no fundo são apenas diferentes formas de energia. Ainda em "Natureza da Psique": "Não apenas é possível, mas bastante provável, que psique e matéria sejam apenas dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa. Parece-me que os fenômenos sincronísticos apontam nesta direção, pois mostram que o não-psíquico comporta-se como psíquico, e vice – versa, sem que haja conexão causal entre eles".

O pensamento causal é uma forma de pensar linear de trás para frente, que satisfaz a nossa apreensão mental de um conjunto de fenômenos físicos: sempre esperamos que a causa venha antes do efeito. Esta forma de pensar tem uma ligação com o tempo, com o tempo linear, que é o tempo que rege a consciência. Dentro dessa forma de pensamento, todo efeito é uma decorrência de uma causa física ou psicológica.

Os físicos modernos têm nos provado a relatividade desse modo de pensar. Nós já não podemos pensar na causalidade como sendo uma lei absoluta, mas apenas como uma tendência ou uma probabilidade, pois alguns fatos fogem a essa regra dominante. Nas palavras de Marie-Louise Von Franz: "Na física moderna, parece, por vezes, que o efeito ocorreu antes da causa e, portanto, os físicos tentam dar-lhe uma viravolta e dizer que ainda poderemos chamar isso de causal; mas penso que Jung está certo ao afirmar que tal procedimento amplia e distorce a idéia de causalidade ad absurdum, ao ponto de lhe roubar todo significado".

Podemos mesmo, ler na obra de Jung, *Sincronicidade*:

"A preocupação do método científico experimental é constatar a existência de acontecimentos regulares que podem ser repetidos. Conseqüentemente, acontecimentos únicos ou raros não entram em linha de conta. Além disso, o experimento impõe condições limitativas à natureza, porque o seu escopo é fazer com que esta forneça respostas às perguntas formuladas pelo homem. Qualquer resposta da natureza é, por conseguinte, influenciada pelo tipo de perguntas que foram feitas, e o resultado é sempre um produto híbrido. A chamada visão científica do mundo, baseada neste resultado, nada mais é, portanto, do que uma visão parcial psicologicamente tendenciosa que deixa de lado todos aqueles aspectos, em nada desprezíveis, que não podem ser estatisticamente contados. Mas para captar de um modo ou de outro estes acontecimentos únicos ou raros, parece que dependemos de descrições igualmente "únicas" e individuais. Isto resultaria em uma coleção caótica de curiosidades semelhantes àqueles velhos gabinetes de história natural onde, lado a lado com fósseis e monstros anatômicos guardados em vidros, encontram-se o chifre de um unicórnio, o homúnculo da mandrágora e uma sereia mumificada. As ciências descritivas, e, sobretudo

a Anatomia no sentido mais amplo, conhecem muito bem esses "espécimes únicos", e aqui basta um só exemplar de um organismo, mesmo sumariamente duvidoso, para comprovar sua existência (...).

Nestas circunstâncias nós nos defrontamos com a necessidade imperiosa de verificar se o aparecimento aparentemente único é realmente único nas experiências registradas, ou se alhures não se encontram outros acontecimentos iguais ou pelo menos semelhantes. Não há leis absolutas naturais a cuja autoridade se possa invocar em apoio dos preconceitos. O máximo que se pode exigir, para sermos justos, é que o número de observações individuais seja o mais elevado possível.

Se este número, estatisticamente considerado, permaneceu nos limites da probabilidade, então estará provado estatisticamente, de que se trata de uma probabilidade do acaso, mas isto não nos fornece nenhuma explicação. Houve apenas uma exceção à regra. Ora, em nossa experiência existe um domínio imenso em cuja extensão contrabalança por assim dizer, o domínio das leis; é o mundo do acaso; onde parece que este último não tem ligação causal com o fato coincidente. Como temos uma convicção arraigada a respeito da causalidade absoluta da lei da causalidade, achamos que esta explicação do acaso é suficiente; mas se o princípio a causalidade só é válido relativamente, segue-se que a imensa maioria do acasos pode ser explicada em sentido causal; contudo deve restar um pequeno número de caso que não tem qualquer ligação causal. Encontramo-nos, assim, diante da tarefa de selecionar os acontecimentos causais e separar os acausais dos que podem ser explicados causalmente.

Como podemos reconhecer as combinações acausais dos eventos, visto que é, evidentemente, impossível examinar todos os acontecimentos com relação a sua causalidade. A resposta a esta pergunta é que devemos es-

perar eventos acausais, sobretudo onde, depois de demorada reflexão, nos parece impossível uma conexão causal. Dariex descobriu uma probabilidade de 1:4.114.545 para a precognição "Telepática" ou coincidência acausal significativa.

O escritor Wilhem von Scholz recolheu uma série de casos que nos mostram a maneira estranha como objetos perdidos ou roubados voltam aos seus donos. O autor chega à conclusão, em si compreensível, de que todos os indícios apontam para uma "força de atração" destes objetos relacionados. Ele suspeita que os acontecimentos se dispuseram de tal modo, como se fossem o sonho de uma "consciência maior e mais abrangente, por nós desconhecida". Só em época mais recente é que a prova decisiva da existência de acontecimentos acausais foi apresentada de maneira científica adequada, sobretudo através das experimentações de Rhine e seus colaboradores.

Os experimentos de Rhine nos põem diante do fato de que existem acontecimentos que estão relacionados experimentalmente (o que, neste caso, quer dizer significativamente entre si, sem a possibilidade, porém, de provar que tal relação seja causal; visto que a "transmissão" não revela nenhuma das conhecidas propriedades de energia. Por isso, há boas razões para duvidar de que se trata efetivamente de uma "transmissão". Em princípio, as experimentações com o fator tempo excluem qualquer transmissão desse tipo, pois seria absurdo admitir que uma situação ainda não existente, e que só se dará no futuro, possa transferir-se como fenômeno energético para um receptor do presente.

Parece mais indicado dizer que a explicação deve começar, de um lado, com uma crítica ao nosso conceito de tempo e lugar e, do outro lado, com o inconsciente. Como já sa-

bemos, é impossível, com os recursos atuais, explicar a *extra-sensory perception*, isto é, a coincidência significativa, como sendo um fenômeno da energia. Isto elimina a explicação causal, porque os "efeitos" não podem ser entendidos senão como um fenômeno da energia. Por isto, não se pode falar de causa e efeito, mas de uma coincidência no tempo, uma espécie de contemporaneidade. Por causa do caráter desta simultaneidade, foi escolhido o termo sincronicidade para designar um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade. Nas experiências de Rhine o tempo e o espaço se comportam, por assim dizer, "elasticamente" em relação à psique, podendo ser reduzidos, aparentemente, à vontade. Nas experiências com o tempo e o espaço, respectivamente, esses dois fatores reduzem-se mais ou menos a zero, como se o espaço e o tempo dependessem de condições psíquicas, ou como se existissem por si mesmos, e fossem "produzidos" pela consciência". No pensamento acausal, o centro é o tempo e parece que o feito ocorre antes da causa, ou melhor, ambos acontecem conjuntamente, ao mesmo tempo, pois no fenômeno sincronístico, não é feita distinção entre fatores psicológicos e/ou fatores físicos. Nesses, os fatos internos e os externos, estão reunidos.

Na sincronicidade, Jung enfatiza o fato de que se o nexos entre causa e efeito é estatisticamente válido, ele é só relativamente verdadeiro, pois a ligação entre acontecimentos em determinadas circunstâncias pode ser diversa da ligação causal. Na China, esse é o modo clássico de pensar. Quando dizemos que o fenômeno tempo é muito mais central na forma sincronística de pensar, é porque nele existe o momento crítico, que é um certo momento no tempo, que vai surgir como elemento unificador, como um ponto focal para observação desse complexo de eventos.

Jung cita: "Os agrupamentos ou séries de casualidades não têm sentido, pelo menos para o nosso modo atual de pensar, e situam-se

quase sem exceção, dentro dos limites da probabilidade. Existem, contudo, certos casos cujo caráter aleatório pode dar ocasião as dúvidas. Tomarei apenas um exemplo dentre muitos: No dia 1 de abril de 1949 anotei o seguinte: Hoje é sexta-feira. Teremos peixe no almoço. Alguém mencionou de passagem o costume do "peixe de abril". De manhã, eu anotara uma inscrição: Est homo totus medius piscis ab imo (o homem todo é peixe pela metade, na parte de baixo). À tarde, uma antiga paciente, que eu não via há vários meses, mostrou-me algumas figuras extremamente impressionantes de peixes que ela pintara nesse meio tempo. À noite mostraram-me uma peça de bordado que representava um monstro marinho com a figura de peixe. No dia 2 de abril, de manhã cedo, uma outra paciente antiga, que eu não via desde vários anos, contou-me um sonho no qual estava à beira de um lago e via um grande peixe que nadava em sua direção e "aportava", por assim dizer, em cima de seus pés. Por esta época, eu estava empenhado numa pesquisa sobre o símbolo do peixe na História. Só uma das pessoas mencionadas tem conhecimento disso.

A suspeita de que este caso seja talvez uma coincidência significativa, isto é, uma conexão acausal, é muito natural. Devo confessar que esta sucessão de acontecimentos me causou impressão. Ela tinha para mim um certo caráter numinoso. Em tais circunstâncias somos inclinados a dizer: "Isto não é obra do acaso", sem sabermos o que dizer (...) Os casos de coincidências significativas, que devemos distinguir dos grupos casuais, parecem repousar sobre fundamentos arquetípicos (...).

E a sincronicidade aparece em primeiro lugar, como a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que apareçam como paralelos significativos de um estado subjetivo momentâneo e, em certas circunstâncias, também vice – versa (...).

Os acontecimentos sincronísticos repousam

na simultaneidade de 2 estados psíquicos diferentes. Um é normal, provável (quer dizer: pode ser explicado causalmente) e o outro, isto é, a experiência crítica, não pode ser derivado causalmente do primeiro (...)"

Jung continua observando que na sincronicidade, existe uma simultaneidade do estado normal ou ordinário com um estado ou experiência que não pode ser derivada causal-

mente do primeiro, e cuja objetividade só vai poder ser observada posteriormente. Ele salienta ainda que isso em que ficar claro, por causa do que se refere aos acontecimentos futuros, uma vez que esses não são sincronicos, mas sincronísticos, porque como imagens psíquicas no presente, como se o acontecimento físico ou objetivo já existisse à priori.

O Ocultismo por Charles Barlet

Definição de Ocultismo

Quando consideramos o conjunto das Ciências sob o ponto de vista de seus métodos e meios de investigação, encontramos em primeiro lugar as Ciências positivas. Seu objetivo é a pesquisa dos fatos e das leis correspondentes, através dos cinco sentidos físicos e da lógica; instrumentos rigorosos que permitem à Ciência conhecer o fenômeno até a sua teoria, ou seja, a sua causa próxima imediata.

Há também outro tipo de Ciências chamadas filosóficas ou metafísicas, cujo objetivo é o conhecimento das Causas Primeiras de todas as Coisas e Causa única de todas as Causas. Ela se baseia principalmente nas propriedades, faculdades e idéias fornecidas pela alma humana.

Existe um grande abismo entre ambas. Seus domínios são inteiramente opostos: as Ciências Positivas ocupam-se exclusivamente com os fatos e objetos concretos; as Ciências Filosóficas ocupam-se com tudo o que é imaterial por excelência. Seus métodos ou pelo menos suas tendências metodológicas, não são menos distintas: uma se eleva das observações mais positivas e materiais até as abstrações mais gerais - leis e causas gerais imediatas aplicáveis a cada classe de fatos; a outra, desde o início, deve se remontar a alguns

princípios universais muito simples, os quais abrangerão suas explicações mais especiais, descendo do mais imaterial para o material.

A época atual se caracteriza pela tentativa de incluir a filosofia no quadro das Ciências Positivas; porém, apesar dos subterfúgios empregados, ela ainda não conseguiu se libertar, sem abalar todo o conhecimento, das Categorias ou Princípios primeiros, que se acham na base da Filosofia e a colocam em confronto com as Ciências Positivas.

Parece existir um terreno comum entre elas, onde elas podem se unir: é o da hipótese; mas ainda assim a oposição se manifesta, pois chegam a este terreno caminhando em sentido contrário. É lá, com efeito, que vai chegar a ciência positiva após seus maiores esforços; ao passo que a metafísica encontra ali seus primeiros princípios. Além disso, esse campo intermediário é o da incerteza, ou aquele em que mais facilmente se desenvolvem as lutas pela defesa das convicções. Por enquanto só as oposições o ocupam.

Essas duas ordens de conhecimentos, os positivos e os metafísicos, acham-se em contínua luta desde os mais remotos tempos; hoje, mais do que nunca, a ciência positiva nega à intuição, a certeza de seus dados, opondo-lhe a teoria rejuvenescida do subjetivismo; ao passo que a metafísica se obstina em censu-

rar sua adversária pela oposição invencível aos instintos mais arraigados e mais irresistíveis da natureza humana.

Entretanto, cada uma dessas duas ordens de ciência é tão indispensável à outra como a sombra à luz, a resistência à potência, a síntese à análise, a substância aos acidentes do fenômeno. A Ciência Positiva não pode basear suas deduções ou induções senão sobre as regras fundamentais da alma humana, e particularmente sobre as categorias. Assim também, não é lícito à metafísica, desprezar as asserções dos sentidos e a inevitável fatalidade dos fatos perfeitamente analisados por sua rival.

Esta observação destaca claramente a oposição das Ciências; elas são complementares e não incompatíveis. Ora, tudo tende a se reunir ao seu complementar e pode consegui-lo desde que encontre um intermediário capaz de participar de um e de outro sem destruir sua unidade pessoal; é assim, por exemplo, que as cores complementares acham sua união no branco que as contém; que os dois infinitos de grandeza e pequenez se confundem em toda forma finita; é a mesma lei perfeitamente desenvolvida por Hegel na base de sua lógica pelos conhecidos termos: tese, antítese e síntese.

Se o espírito humano em busca da verdade é solicitado em duas direções opostas, sem poder abandonar-se inteiramente a uma ou a outra, é preciso que haja entre esses dois extremos uma ciência intermediária própria para reconciliá-las, para sintetizá-las. Na natureza tudo é harmonia, em parte alguma ela apresenta um abismo semelhante ao que parece haver entre as duas ordens de ciências; menos ainda deve apresentar ao espírito humano, ao qual é permitido abranger, não só em seu conjunto como em seus detalhes, a extensão infinita e a harmonia transcendente do Cosmos.

Essa ciência intermediária deve tratar, como

a positiva, dos fatos acessíveis aos nossos sentidos físicos e, entretanto, inexplicáveis pelos métodos extraídos desses sentidos, ela deve recorrer a sentidos transcendentais, análogos ao mesmo tempo aos sentidos ordinários e às faculdades psíquicas tais como a imaginação e a intuição. As causas dos fenômenos descobertos por ela serão imediatas e próximas como as reveladas pela ciência positiva, porém tomadas de um mundo diferente do nosso mundo físico; serão causas seguidas, superiores, transcendentais, por assim dizer, próximas das causas metafísicas. Pode-se, pois prever, que nessas ciências a matéria a ser tratada será de ordem mais sutil que a que nos é familiar, mais sutil que o estado mais sutil desta que nos é conhecida.

De outro lado, nesta ciência intermediária, a espiritualidade pura da filosofia, a abstração metafísica deverá descer de sua imaterialidade completa e envolver-se de materialidade transcendente da qual acabamos de falar. Ela deve, pois, fazer conhecer seres mais universais que os que são familiares, mais etéreos, mais poderosos e mais aproximados da fonte das forças, porém, mais limitados e pessoais. Assim, todo um mundo especial deve corresponder a esta ciência intermediária, e, ao mesmo tempo, devemos ter em nós mesmos alguma coisa deste mundo particular que nos permita percebê-lo, já que nossa espécie encerra a aparente antinomia das realidades que se reúnem neste terceiro termo.

Enfim, esta ciência, que participa tanto da física como da metafísica, que faz conhecer, não só pela idéia, mas por uma percepção real, isto é, sensível sob certas condições a seres e coisas intermediárias entre nós e a causa primeira, que nos liga a esta por meio destes seres, é uma ciência prática chamada de ciência religiosa.

Ora, tal ciência existe, é conhecida, cultivada e ensinada desde os tempos mais antigos. É ela que, com ou sem razão, denominamos hoje de Ocultismo.

Segundo o caráter que acabamos de atribuir-lhe, o Ocultismo deve comportar, e comporta, com efeito, os seguintes aspectos:

- a. Fatos acessíveis aos nossos sentidos e devidos à ação da força sobre matérias mais sutis que a nossa;
- b. A arte de manipular essa matéria e as forças que nelas agem;
- c. O conhecimento de seres incorpóreos nessa mesma matéria e sua participação na vida universal;
- d. A arte de se comunicar com esses seres.

O Ocultismo deve, além disso, explicar aos filósofos como esses mesmos seres são ligados à causa primeira, e como podem ser ligados à realidade de nosso mundo; deve apresentar uma solução detalhada para os problemas cósmicos e psicológicos que ainda separam os filósofos; deve ainda, suprimir a antinomia do Espírito e da Matéria além de fazer conhecer a realidade da substância. Em uma palavra, O Ocultismo é a ciência das Causas Segundas ou semi reais.

Desta forma, sob o ponto de vista do ocultismo, o conjunto dos conhecimentos humanos deve compreender três ramos principais de ciências:

- 1.- A **Ciência Positiva** - ciência das causas mais próximas do movimento e das relações de todas as coisas.
- 2.- O **Ocultismo** (ou ciência das causas segundas).
 - 2.1.- **Matérias e forças** mais sutis que as nossas, consideradas como causas físicas remotas dos fenômenos da ciência positiva;
 - 2.2.- **Seres** correspondentes a essas matérias, (ontologia e cosmologia), agentes e causa físicas dos fenômenos.
- 3.- A **Filosofia** - Ciência das causas primeiras e da causa de todas as causas.

Não tratemos aqui senão da segunda ciência

destas três divisões principais, O Ocultismo, estudaremos seu método, suas partes essenciais e sua classificação.

Método do Ocultismo

Até hoje o Ocultismo aparece como uma ciência puramente tradicional cujas asserções são verificáveis, ou suas aplicações acessíveis somente a um número restrito de pessoas de natureza privilegiada. Normalmente, deixa-se de lado a questão de seu método.

Entre os contemporâneos, só um autor tratou explicitamente do método em Ocultismo; foi Papus, em seu Tratado Metódico de Ciência Oculta. O método que ele lhe atribui é a Analogia. Contudo, a analogia não é um método, mas um modo de raciocínio mais imperfeito ainda que a indução e sobre o qual seria totalmente impossível fundamentar uma ciência, pois as conclusões mais afastadas do princípio central tornar-se-iam tão diferentes deste, que perderiam todo o seu valor. Aliás, para aplicá-la ao Ocultismo seria preciso partir, ao menos, de um princípio considerado como certo, por exemplo, a Trindade, como o faz esse autor); tal princípio, necessariamente cosmológico, não pode ser encontrado no mundo simples dos fatos físicos; ele será metafísico, hipotético ou tradicional e assim, o método se colocará em um dos sistemas ordinários que iremos recordar. A analogia não poderá, de modo algum, constituir o método especial do Ocultismo.

Não é assim que devemos tratá-lo, é preciso questionar se o Ocultismo pode de alguma forma, se ligar às nossas ciências positivas; se pode, de fato, reivindicar a qualidade de ciência, atribuído pela denominação de *ciências ocultas*, e, em caso afirmativo, qual pode ser seu método e que valor tem a tradição que o conservou.

Não se pode fixar o método de uma ciência,

antes que ela esteja bastante aperfeiçoada como para fornecer uma boa base de apreciação de seus meios. Não é o caso do Ocultismo, quando se pretende considerá-lo como uma ciência, pois que ele apenas começa a ser recebido no mundo dos cientistas. É preciso procurar, segundo a definição dada anteriormente, qual pode ser no estado atual, o método próprio ao Ocultismo para que ele se classifique entre as ciências.

Sabemos que o método, em ciência, pertence sempre a uma das duas espécies contrárias: o *a priori*, que deduz todas as suas asserções de princípios superiores, já estabelecidos como certos; e o *a posteriori*, que procede por indução, fundamentando-se sobre o alicerce dos fatos estabelecidos por meio da observação e da experiência.

O primeiro gênero é mais próprio às ciências metafísicas; o segundo a ciência positiva. A ciência oculta, que é intermediária, não pode contentar-se com um único gênero, mas deve uni-los, completando um pelo outro, o que resultará num método essencialmente sintético. Sem dúvida, todo método científico emprega a Síntese, seja como ponto de partida no processo *a priori*, seja para a conclusão da análise preliminar; mas são sínteses diferentes entre si e do Ocultismo: a primeira (*a priori*), pode ser bastante contestável por ser muito elevada; a segunda, ao contrário, não pode ultrapassar o nível inferior das causas próximas. A síntese do Ocultismo deve ser essencialmente a intermediária, que une os primeiros princípios ao último dos fenômenos analisados.

Assim sendo, resta saber de que lado se encontra o ponto de partida, nos princípios estabelecidos *a priori*, ou na observação e experiência.

Examinemos primeiramente o segundo caso, o de uma ciência baseada sobre o estudo positivo do fenômeno. A ciência positiva apoderou-se atualmente de alguns dos fenômenos atribuídos ao Ocultismo, a fim de submetê-los ao seu método próprio e constituí-los em ciência positiva. O que poderá resultar de tudo isso?

As forças que estamos acostumados a estudar são inteiramente independentes de nós; agem sem nós e a despeito de nós; podemos desviá-las, combiná-las, mas não modificá-las, já que pertencem à matéria física. A existência de tal matéria está demonstrada pela observação positiva; para nos assegurarmos disso, basta lembrarmos dos trabalhos e publicações do positivista Assier, do químico Crookes, do Dr. Gibier e do Cel Rochas.



As forças estudadas pelo Ocultismo, ao contrário, são por natureza, ligadas à matéria sutil de ordem diversa da nossa, e esta matéria que está em nós é tão necessária à observação como à produção do fenômeno

a estudar. Resultam assim, condições especiais de exploração que nós ignoramos, as quais devemos, entretanto, nos submeter, e que só o aprofundamento pode-nos ensinar. Em outras palavras, a observação é principalmente psíquica como os fenômenos que se classificam hoje sob esta denominação; aqui a ilusão deve abundar e nós, nos achamos fechados em um círculo vicioso.

O que fez a ciência positiva para fugir desta dificuldade? Procurou concentrar suas observações sobre os fatos psíquicos próprios à natureza humana, e que se produzem em nós mesmos. Ela conseguiu assim reunir toda uma ordem de fatos que parecem poder ser explicados por simples desarranjos fisiológi-

cos, e que levariam à conclusão de que o pretense ocultismo não é senão o resultado subjetivo e ilusório de perturbações orgânicas. Muitos sábios reconheceram, porém, a insuficiência dessas observações que desprezam uma quantidade considerável de fatos bem constatados e inexplicáveis por essa teoria: Exteriorização da sensibilidade, da motricidade; subtração da matéria ordinária ao peso, decomposição da matéria, que se torna penetrável no fenômeno do transporte (Ver os trabalhos de Rochas, Crookes e de Maxwell).

Até então não levamos tão longe como poderíamos, o estudo dos fenômenos psíquicos produzidos pela vontade, seja sobre seres vivos (como os fatos do magnetismo animal, tão imperfeitamente reproduzido pelo hipnotismo), seja sobre a matéria inerte. A sua importância, entretanto, é capital, pois revelam em nós mesmos a presença de uma força ativa, de natureza psíquica, isto é, uma ação que entra inteiramente na ordem dos fatos do Ocultismo, pois revela a existência dessas forças espontâneas ou *idéias-forças* intermediárias entre os dois mundos psíquico e metafísico.

Ora, nesta ordem de idéias, há mais a fazer; a própria definição do Ocultismo nos conduziu precedentemente ao pensamento de que devem existir seres próprios à matéria hiperfísica, e que esses seres dispõem ali de forças correspondentes; os chamados fenômenos espíritas confirmam esta probabilidade manifestando muitas vezes atividades inteligentes e espontâneas diferentes da inteligência e da vontade dos assistentes. Mas a observação puramente positiva não pode fazer conhecer esses seres, dos quais ignora todas as condições de existência. Em suma, o processo analítico, *a posteriori* ou indutivo encontra aqui grandes dificuldades:

- as atividade de uma matéria cuja natureza lhe é inteiramente desconhecida, a ponto de pôr em dúvida a sua existência;

- as condições, não só do fenômeno, mas também de sua observação não menos desconhecidas devido a essas pesquisas viciosas;

- a influência do observador sobre o fenômeno a estudar;

- e, principalmente, a influência de atividades estranhas à humanidade e superiores ao poder humano, mas que ainda se conserva oculto e misterioso.

Sem dúvida, uma série perseverante de experiências, ensaios e retificações poderiam transpor este conjunto de obstáculos; pode-se, porém, calcular a série de anos necessária para se alcançar esse objetivo, ao se aproximar o estado atual da ciência positiva nestas matérias, sendo que os primeiros fenômenos do espiritismo remontam a mais de meio século. Na realidade, o Ocultismo como ciência positiva, encontra-se ainda em seus primeiros rudimentos; o espírito humano é demasiado impaciente, principalmente em nossa época; o assunto é, por sua vez, bastante urgente, para que possamos contentar-nos com as vagas esperanças de solução que a ciência positiva nos promete dentro de alguns séculos. Vejamos, pois, o que podemos pedir ao método da hipótese verificável pela experiência: tomemos novamente a dificuldade há pouco assinalada das espontaneidades que intervêm no fenômeno psíquico e, particularmente, o efeito da vontade ou da sensibilidade humana.

Nossa alma, seja qual for a sua natureza, está compreendida nos objetos de estudos que comporta o Ocultismo, pois que ela produz como foi dito há pouco, uma parte de seus fenômenos, tais como o pressentimento, a visão à distância, todos os fatos de telepatia, a previsão dos acontecimentos futuros, etc. Esta participação de nossa alma nos fatos psíquicos é de duas espécies em alguns, como os que acabam de ser lembrados, ela é puramente passiva, receptiva; em outros, ao con-

trário, ela é ativa, exerce sua vontade, mostra-se dotada de espontaneidade, dirige ela mesma a força a estudar; tais são os fatos do magnetismo, do hipnotismo, no que concerne ao operador (sugestão, fascinação, cura, modificações fisiológicas e deslocação de corpos materiais) Os fenômenos deste gênero nos coloca em presença do poder motor, em sua fonte, em face da causa segunda, objeto do Ocultismo, e essa causa está em nós e, ao mesmo tempo, fora de nós (Não se trata aqui de nossa Vontade: Schopenhauer pode sustentar que a espontaneidade não está em nós, não pertence senão ao Universal do qual somos instrumentos; o que importa é que tal espontaneidade se manifesta em nós e por nós; que, por sua ação, modifica o fenômeno psíquico e que essa ação é submetida ao jogo de nossas paixões).

Eles provam também, o poder da idéia para a direção da força, porque, assim como o demonstrou Ed. de Hartmann (na Teoria do Inconsciente) o primeiro ato da vontade é a Idéia da causa desejada, a Idéia que deve despertar o poder para transformar-se em ato, torna-se a idéia-força. Esses fenômenos demonstram o adágio do Ocultismo: “pensar é criar”.

Esta nota fornece uma primeira conseqüência muito importante para o nosso assunto: a matéria e a força, que é inseparável dela, não são os únicos elementos do Universo; além delas, há um terceiro poder que as domina e delas dispõe: a espontaneidade. Esse poder existe tanto na natureza, como em nós mesmos com seu caráter de indivisibilidade e de irresistibilidade inquebrantável. Essa espontaneidade não está toda em nós; ela conserva bem seu caráter de indivisibilidade, mas, em vez de exercer-se, em toda a sua extensão,

ela está presa em limites bem estreitos, pela espontaneidade universal da natureza.

É o que demonstram, por exemplo, os preságios fornecidos pela Astrologia, que será explicada mais adiante, dos quais todos podem verificar a realidade: A formação dos cristais indicada na nota precedente já é uma prova dessa superioridade da Natureza, pois o eixo não pode ser quebrado por nossa intervenção.

Essa espontaneidade é a mesma em nós como na natureza, pois que pode agir sobre as moléculas e os átomos dos corpos, como mostram os fenômenos de levitação, de transporte da matéria à distância e através da matéria e os de inflamação espontânea, ambos notória e publicamente produzidos pelos Faquires e os Yoguis da Índia e, mais raramente na Europa.

Nós podemos nos colocar em oposição, ao menos parcial e momentânea, com a espontaneidade que governa as forças da natureza; é o que ainda provam os fatos citados,

pois se vê aí o homem agir contra a gravitação, a coesão ou a afinidade química. Contudo, a Natureza reagirá necessariamente, com maior ou menor rapidez, porque é claro que a ordem cósmica não pode ser perturbada por nós senão em proporções ínfimas.

As formações engendradas por nosso pensamento serão efêmeras todas as vezes em que não estiverem em concordância com a ação da natureza e na proporção em que lhe forem contrárias; em outras palavras, elas podem ser de três espécies: duráveis, por tempo ilimitado, se cooperarmos com a natureza; imediatamente mortais, se estão em contradição com as manifestações atuais do cos-



mos, mas superiores a estas em intensidade, o que pode ser conhecido através da Astrologia; nulas, se forem ao mesmo tempo contrárias e internas. As duas últimas espécies de manifestações, que são quase exclusivamente as ordinárias, produzirão sempre uma desordem maior ou menor no mundo que o ocultismo explora, podendo perturbá-lo, desviá-lo ou inibir-lhe a manifestação.

A ciência positiva em seu estado atual está mais ou menos certa ao se colocar em face de fenômenos falsos e ilusórios. As causas dessa perturbação fundamental podem ser conhecidas, até certo ponto.

A oposição vinda de nosso fato -- não só dos fatos do observador, mas do de todo o seu ambiente, atual ou habitual, do meio em que vive - esta oposição às vibrações cósmicas não vêm somente do exercício de nossas forças psíquicas, ela remonta até ao nosso pensamento, que é o seu motor. Nós somos expostos a pecar tanto por ignorância como por fraqueza. Ora, nós não somos somente muito ignorantes e muito fracos em presença da idéia e da força universal; somos também muito influenciados por ela, e nossa personalidade reage desordenadamente contra essa influência. Nós agimos muito mais sob o impulso de nossas emoções, do temor ou do desejo, da paixão em fim, do que por uma vontade verdadeira e puramente espontânea, razoável e raciocinada. Essas impulsões perturbadoras podem, em última análise, levar a três defeitos essenciais.

Primeiro, o desejo de poder e de imortalidade imediata levado ao extremo; ou desejo, naturalmente falso, de querer e crer desde agora nossa personalidade infinita em força e em duração. É o que constitui o *Orgulho*.

Segundo, em sentido contrário, ainda somos retidos pela ânsia de nos satisfazermos, sem que tenhamos que produzir nem um novo esforço: é a força da inércia, a *Preguiça*.

Terceiro, Sua combinação faz com que nossa espontaneidade, cega por essa dupla ilusão, creia poder satisfazer-se inteira e imediatamente, em detrimento dos que a rodeiam e que ela desconhece ou despreza. Os fenômenos de possessão e de obsessão não são, infelizmente, raros entre os que estudam o ocultismo, inclusive se poderia citar casos terríveis e de fim trágico. É o efeito que se manifesta pelo *Egoísmo*.

A estas dificuldades, todas psíquicas, que perturbam profundamente os fenômenos do mundo psíquico, não há senão um remédio: a *Virtude*, ou conformidade da espontaneidade individual com a universal. A observação, o governo da vida física não são intimamente puros e certos senão para um observador virtuoso até a santidade e em um meio virtuoso como ele. A ciência oculta é religiosa por excelência. Fora desta condição, a prática não é somente falsa, é também perigosa, em proporção à corrupção do operador e do seu meio; primeiramente, porque pode atrair, devido a sua própria desordem, um momento de triunfo, as reações da vontade universal, que o castigarão por sofrimentos proporcionais ao mal que ele tiver produzido; e também porque, em sua imperfeição, ele pode se achar em presença de espontaneidades também desviadas, mas invisíveis e bem mais poderosas que ele. Ora, contra tais poderes, a virtude é o único escudo verdadeiramente eficaz, a única arma invencível.

É por este motivo que as ciências psíquicas têm sido em todos os tempos, ocultas do interesse dos ignorantes e indignos; por isto são ensinadas senão com a condição de uma iniciação moral rigorosa e prolongada.

Não é só nas teorias e nos sentimentos que o ocultismo exige que ele seja religioso; ele deve ser também religioso na prática, pelo culto, porque deve defender-se contra o poder maléfico mais terrível - o invisível, que pode suprimir o espaço e o tempo.

É por este motivo, que todas as religiões chamadas a operar sensatamente no domínio do invisível, tiveram a prudência de proibir o ocultismo ao público que elas devem educar e proteger.

Deve-se concluir então, que devemos renunciar ao estudo do ocultismo pelo método positivo da hipótese verificada pela observação, até que estejamos bastante seguros de nossas virtudes e de nossa ciência para alcançar um resultado? Devemos adiá-lo? Até quando, à custa de quantos esforços e quantos perigos inesperados, na sua maior parte? - Não, nosso século é bastante ávido de conhecimento e de progresso para deixar para o futuro o cuidado de resolver os maiores problemas que atormentam a humanidade. Ele renunciará menos a esta pesquisa que a qualquer outra; e, no entanto, as dificuldades intelectuais e morais se reúnem para detê-lo.

Em todos os tempos surgem homens que alcançam um estado de ciência e santidade necessário para o conhecimento puro e a prática benfazeja do ocultismo; podemos ouvi-los, seguir seus ensinamentos, seus métodos, tomá-los por mestres. É preciso somente saber encontrá-los, porque os imitadores não faltam, mais ou menos ignorantes, mais ou menos pervertidos, algumas vezes perigosos, e sempre conhecidos por sua presunção e pelo exagero de suas promessas.

Os verdadeiros adeptos da Ciência Sagrada ficam geralmente retirados do mundo, pois os eflúvios perturbadores da multidão os paralisariam; eles se reúnem em retiros afastados, dificilmente acessíveis e pouco conhecidos, em comunidades ou colégios onde suas forças psíquicas reunidas possam ser exercidas com mais poder e eficácia no mundo invisível. Eles ficam mais ou menos ignorados ou inacessíveis ao público. Mas em todos os tempos, e no nosso especialmente, ansiosos por secundar da melhor forma possível a humanidade, eles têm se manifestado através de emissários encarregados de levar ao mundo

os ensinamentos e as práticas de suas instituições seculares. Hoje em dia, muitas sociedades se declaram inspiradas por colégios de iniciados: a Sociedade Teosófica, fundada por Madame Blavatsky; a H.B. de L, extinta há anos; a Filosofia Cósmica: o Centro Esotérico Oriental; numerosas publicações periódicas ou não, nos tem tornado conhecidas. A celebre Rosa-Cruz do século XVI, a Franco-Maçonaria, em sua pureza primitiva, agora bem esquecida, são derivações dos colégios de adeptos, adaptados e adequados aos costumes mais modernos; espécies de terceiras-ordens da iniciação.

Eram eles quem governavam na antiguidade os grandes mistérios espalhados por todos os povos como o ensino transcendente da religião comum. Não podemos ter a pretensão de designar especialmente estes Magos, de pronunciarmo-nos sobre os mestres mais ou menos autorizados que disputam a confiança do público, ávido da ciência oculta; seria sair do círculo desta introdução que não tem outro objetivo senão expor o conjunto e a ordem da ciência oculta, emprestando-os a esses Mestres Superiores.

Porque estes adeptos e seus discípulos agiram, falaram, escreveram durante longos séculos; suas palavras, seus escritos formam um todo, uma Tradição secular, que podemos consultar e onde encontramos um acesso rápido e seguro a todas as divisões da Ciência Oculta. Com efeito, ou a tomamos como uma revelação primitiva conservada com cuidado e transmitida escrupulosamente de século em século, ou, por falta de testemunhos que nos satisfaçam, não queiramos ver nela senão uma ciência desenvolvida desde os mais remotos tempos por um exercício contínuo; em qualquer dos casos podemos aceitá-la como uma hipótese que teremos de verificar, submetendo-nos primeiramente a todas as condições por ela mesmo indicadas.

Assim, entraremos no método ordinário de nossas ciências, e nos acharemos precisa-

mente neste processo intermediário que o ocultismo necessita. A hipótese que nos fornece a Tradição liga-se por sua natureza, de um lado à filosofia, do outro à ciência positiva; ela é, pois, menos extrema que as hipóteses próprias a cada uma dessas duas espécies de ciências opostas; ela conterà a ciência média das causas segundas. Em resumo, o método positivo, e a posteriori, parece aplicável ao ocultismo se for considerado como uma hipótese fornecida pela Tradição, verificável por observações e experimentações feitas sob as condições fixadas pela própria Tradição.

Entretanto, esse método não exclui o método contrário, ou a priori, porque uma vez senhor das noções abstratas do Ser e do Não-Ser, da distinção do Real e do Absoluto, não é difícil fazer decorrer delas por simples deduções lógicas a convicção e o conhecimento elementar dos seres e dos fenômenos de que se ocupa o ocultismo; a prática confirmará ou retificará essas primeiras noções.

É impossível desenvolver aqui os postulados desse método sem recorrer aos mais altos desenvolvimentos da filosofia; teremos a oportunidade de dar uma idéia sobre eles no próximo capítulo, onde os primeiros princípios da Tradição deverão ser expostos resumidamente. Tal método, de resto, não é es-

tranho aos nossos sábios; é idêntico aos dos geômetras, dedução sucessiva das consequências de um princípio tido por evidente, com a confirmação pela realidade dos fatos (Ninguém ficará surpreso com esta identificação de métodos, se refletir que a Geometria é a Ciência da Forma, e que a Forma em si pertence ao domínio do Invisível). Ele é, o mais rápido e até mesmo o mais seguro, porque através de seu processo que compreende as exigências morais, acaba ficando mais protegido dos perigos e dificuldades da experiência pura; ele nada tem a temer senão as ilusões do entusiasmo, do qual pode preservar-se pela razão. É este o método que os mestres do ocultismo geralmente empregam no seu ensino; seu apoio e sua direção constante lhes são muito necessários aos Mestres. É neste método que o processo da analogia se aplica particularmente.

O ocultismo tem, pois, em suma, os dois métodos a seu serviço, era de se esperar que ele tocasse os dois domínios extremos da filosofia e das ciências positivas e, pela mesma razão, em cada um desses métodos a experiência vem em apoio a hipótese e ao postulado; a preferência por um ou por outro depende do caráter do estudioso, mas o mais feliz pela rapidez de seus progressos é, sem dúvida, o método dedutivo e a confiança no mestre escolhido.

Contos Espirituais

As Dádivas de Deus

... E era manhã quando Deus parou diante de suas doze crianças e em cada uma delas plantou a semente da vida humana. Uma por uma, dirigiram-se a Ele para receber sua dádiva.

“Para você, Áries, dou minha primeira semente, a qual você terá a honra de plantar. E, para cada semente plantada, um milhão de novas sementes se multiplicarão em suas

mãos. Você não terá tempo para vê-las crescerem, pois tudo que plantar criará mais sementes para serem plantadas. Você será o primeiro a penetrar no solo da mente dos homens com minha idéia. Mas não é seu trabalho alimentar a idéia nem questioná-la. Sua vida é ação e a única ação que atribuo a você é começar a tornar os homens cientes de minha criação. Para que seja um bom trabalho te dou a virtude do **Auto-respeito.**”

Em silêncio, Áries voltou ao seu lugar.

“Para você, Touro, dou o poder de fazer da semente a substância. Seu trabalho é grande, requerendo paciência, pois você precisa terminar tudo o que foi começado ou as sementes serão perdidas ao vento. Você não questionará ou mudará de idéia no meio do caminho, nem dependerá de outros para fazer o que pedi. Para isso lhe dou a dádiva da **Força**. Use-a com sabedoria.”

E Touro voltou ao seu lugar.

“Para você, Gêmeos, dou as perguntas sem respostas, para que possa trazer a todos a compreensão do que o homem vê ao seu redor. Você nunca saberá porque os homens falam ou ouvem, mas em sua procura pela resposta encontrará minha dádiva do **Conhecimento**.”

E Gêmeos voltou ao seu lugar.

“Para você, Câncer, atribuo a tarefa de ensinar aos homens sobre a emoção. Minha idéia é você causar-lhes risos e lágrimas para que tudo o que vêem e pensem se desenvolva com plenitude interior. Para isso dou-lhe a dádiva da **Família**, para que sua plenitude possa se multiplicar.”

E Câncer voltou ao seu lugar.

“Para você, Leão, dou o trabalho de mostrar minha criação para o mundo em todo seu esplendor. Mas você precisa tomar cuidado com o orgulho e sempre se lembrar de que é minha criação, não sua. Pois se você se esquecer disto, os homens irão desprezá-lo. Há muita alegria no trabalho que te dou, se ele for bem feito. Para isso você terá a dádiva da **Honra**.”

E Leão voltou ao seu lugar.

“Para você, Virgem, peço uma análise de tudo que o homem tem feito com minha criação. Você examinará seus caminhos minuciosamente e os lembrará de seus erros, para

que através de você minha criação possa ser aperfeiçoada. Para isto dou-lhe a dádiva da **Pureza de Pensamento**.”

E Virgem voltou ao seu lugar.

“Para você, Libra, dou a missão de servir, pois o homem deve estar ciente de seu serviço para com os outros. E que ele possa aprender a cooperar, bem como ter a habilidade de refletir o outro lado de suas ações. Eu colocarei você em todo lugar onde haja discórdia e pelos seus esforços lhe darei a dádiva do **Amor**.”

E Libra voltou ao seu lugar.

“Para você, Escorpião, dou uma tarefa muito difícil. Você terá a habilidade de conhecer a mente dos homens mas não permito a você que fale sobre o que aprender. Muitas vezes você será magoado pelo que vê e em sua dor você se afastará de mim, e se esquecerá de que não sou eu, mas a perversão de minha idéia que está causando a sua dor. Você terá tanto do homem, que chegará a conhecê-lo como animal, e lutará tanto com seu instinto animal dentro de si, que perderá seu caminho; mas quando você finalmente voltar a mim, Escorpião, terei para você a suprema dádiva do **Propósito**.”

E Escorpião voltou ao seu lugar.

“Sagitário, eu peço a você para fazer os homens rirem, pois no meio das incompreensões de minha idéia eles se tornaram amargos. Através do riso você dará esperança ao homem e através da esperança voltarão seus olhos para mim. Você tocará muitas vidas, mesmo que só por um momento e conhecerá a impaciência em cada vida que tocar. Para você, Sagitário, eu dou a dádiva da **Abundância Infinita** que você deve espalhar generosidade suficiente para penetrar cada canto de escuridão e torná-lo iluminado.”

E Sagitário voltou ao seu lugar.

“De você, Capricórnio, peço o suor de seu rosto, para que possa ensinar os homens a trabalhar. Sua tarefa não é fácil pois você sentirá o trabalho de todos os homens sobre seus ombros; mas para a superação de seus fardos ponho a **Responsabilidade** do homem em suas mãos.”

E Capricórnio voltou ao seu lugar.

“Para você, Aquário, dou o conceito do futuro para que o homem possa ver outras possibilidades. Você terá a dor da solidão, pois eu não lhe permito personalizar meu amor. Mas para abrir os olhos do homem para novas possibilidades, eu lhe dou a dádiva da **Liberdade**, para que em sua liberdade possa continuar a servir a humanidade onde quer que seja necessário.”

E Aquário voltou ao seu lugar.



“Para você, Peixes, dou a tarefa mais difícil de todas. Peço-lhe para reunir todas as tristezas do homem e voltá-las para mim. Suas lágrimas serão minhas lágrimas. A tristeza que você incorporará é o efeito da incompreensão do homem à minha idéia, mas você lhe dará compaixão para que ele possa tentar novamente. Para essa tarefa, a mais difícil de todas, dou a você a maior dádiva. Você será a única de minhas doze crianças a **Me Compreender**. Mas esta dádiva de compreensão

é para você, Peixes, pois quando você tentar difundi-la ao homem ele não ouvirá.”

E Peixes voltou ao seu lugar.

... Então Deus disse: “Cada um de vocês tem uma parte de minha idéia. Vocês não podem confundir nenhuma parte de minha idéia nem devem desejar trocá-las entre si. Pois cada um de vocês é perfeito, mas vocês não saberão disto até que todos os doze sejam um. Pois então o todo da minha idéia será revelada a cada um.”

E as crianças saíram, cada uma determinada a fazer seu trabalho o melhor possível, para que pudessem receber sua dádiva. Mas nenhuma compreendeu inteiramente sua tarefa ou sua dádiva e quando voltaram confusas Deus disse: “Cada uma de vocês acredita que as dádivas dos outros são melhores. Portanto, permitirei que vocês as troquem”. Naquele momento cada

criança ficou exultante ao considerar todas as possibilidades de sua nova missão.

Mas Deus sorriu quando disse: “Vocês voltarão a mim muitas vezes pedindo para serem dispensados de sua missão, e cada vez eu concederei a vocês seus desejos. Vocês irão por incontáveis encarnações antes de completarem a missão original que lhes determinei. Eu lhes dou um tempo incontável para fazê-la, mas somente quando ela estiver feita, vocês poderão estar comigo”.

